

SEGUNDO CADERNO

Olhos de fora miram o Brasil

Fotógrafos estrangeiros mostram sua visão do país em mostra no CCBB

Suzana Velasco

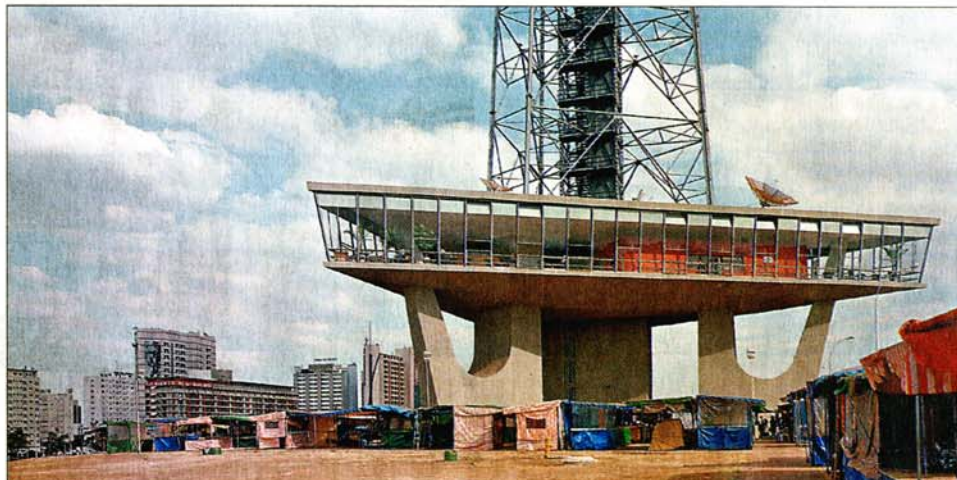
Nem o foco nacionalista nem o olhar exótico do estrangeiro. Quando num almoço no restaurante Jóia, no Centro, Paulo Herkenhoff e Nèssia Leonzini decidiram montar uma exposição cujo tema seria o Brasil, queriam trazer uma visão de fora, mas não fria, sobre o país. O resultado foi a união de temas que não refletem o país de imediato com outros reconhecíveis pelos brasileiros, mas vistos de uma forma pouco óbvia, estrangeira mesmo. Os curadores reuniram obras de 30 artistas e as mostram a partir de amanhã para o público, na exposição "Brasil: desFocos (o olhar de fora)", no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).

— A idéia não foi expulsar certos temas mais recorrentes, mas mostrar como alguns artistas construíram uma visão do Brasil de fora, de modo distanciado, mas não distante — afirma Herkenhoff.

De fato, estão ali imagens recorrentes do país, que facilmente cairiam na classificação "exótico", mas que acabam fugindo dela. O Pelé clicado pela Polaroid de Andy Warhol (única exceção temporal da mostra, que traz obras a partir dos anos 1980); o Cristo Redentor, seja rodeado pelas bonequinhas de plástico de Laurie Simmons, no auto-retrato de Tseng Kwong Chi, ou na série de fotografias de Laurie Anderson; e a "Noite estrelada" de Steve Miller, na verdade um raio-X de uma bola e chuteiras de futebol.

— Fiz essa foto sem conhecer o Brasil, porque, para mim, o país significava a paixão pelo futebol. Depois de vir para cá, vi que era um clichê — confessa Miller, que está em São Paulo tirando o raio-X de frutas tipicamente brasileiras.

O candomblé e seus orixás pontuam a exposição, mas que ninguém espere qualquer representação estereotipada. Eles são referência simbó-



"TORRE DE TV" (1998), de Robert Polidori, mostra os barracos em frente à torre projetada por Lúcio Costa em Brasília

lica para as alegorias criadas por Matthew Barney — que produziu uma série de fotos e o filme "De lama lâmina" no Carnaval de Salvador, em 2004 — e inspiram a ligação que faz Adam Fuss entre palavras de estímulo à vida e caveiras que representam a morte. E são ponto de partida para os três "Objetos sagrados" de David Byrne, que põe num lugar sacro, como oferendas emolduradas em dourado, objetos aparentemente sem valor.

— Trazemos a idéia de trânsito e turismo, mas pensamos também na sensibilidade que alguns artistas tiveram com a cultura do Brasil, na arquitetura e no conhecimento — diz Herkenhoff. — O Byrne, por exemplo, faz essa negociação entre o erudito, industrial, e o popular, primitivo. Ele diz que a cultura não pode ser dividida, tira a hierarquia desses níveis.

Talvez o que haja de mais aparentemente — e propositalmente — exótico na exposição seja o lounge pantaneiro criado pelo argentino Sergio Vega, que, inspirado num manus-

crita do século XVII, que dizia que o centro do paraíso fica em Mato Grosso, realiza um projeto no estado há quase 12 anos. No ambiente "Tropicalounge", ele cria um ambiente em que associa os edifícios modernos e coloridos de Cuiabá com a natureza do Pantanal, ao som de bossa nova.

Exposição destaca a arquitetura de Oscar Niemeyer

A arquitetura recebe atenção especial na exposição. Há desde os interiores convidativos de Candida Höfer (o Real Gabinete Português de Leitura, no Rio; e Igreja da Ordem Terceira Secular de São Francisco, em Salvador; e o Pavilhão da Bienal de São Paulo) até os espaços vazios de Lara Almarcegui, que criou o "Guia de terrenos baldios de São Paulo", em sua residência na cidade, na bienal do ano passado.

— Os terrenos baldios são lugares de possibilidades. Como neles não há nada construído, tudo pode acontecer ali, eles estão abertos ao futuro. Me incomoda que todos os

espaços urbanos correspondam a um projeto de um arquiteto ou construtor — diz Lara.

Os projetos de Oscar Niemeyer ganham uma sala especial na exposição. Em Brasília, a escada do Palácio dos Arcos é vista pelas lentes diferentes de Luisa Lambri e Todd Eberle, e a Superquadra, pelo olhar utópico de Christopher Williams. Já Robert Polidori mostra a ocupação humana da cidade, como os barracos em frente à torre de TV, projetada por Lúcio Costa.

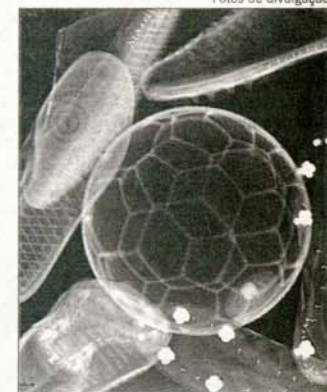
— Além da homenagem ao centenário de Niemeyer, queríamos mostrar como um arquiteto suscita olhares diferentes — conta Herkenhoff.

Na sala referente ao arquiteto está uma imagem que não se relaciona diretamente a ele, mas foi encontrada no interior de um de seus projetos, o Memorial da América Latina, em São Paulo: é a foto de Todd Eberle de um ícone do design moderno, uma cadeira Barcelona, estrçalhada.

— Ele vê o Brasil nessa cadeira — diz Herkenhoff. ■

Fotos de divulgação

Fotos de divulgação



DE CIMA para baixo, fotografias de Steve Miller (2007), Todd Eberle (2003) e Matthew Barney (2004)